

Teixeira de Pascoaes: entre Luz e Sombra

Betina dos Santos Ruiz¹

RESUMO: Este artigo procura verificar como tem sido recebida a obra do escritor português Teixeira de Pascoaes. São analisadas obras teóricas sobre ele e parte da sua obra, quase toda ela recentemente reeditada em Portugal. A resistência aos valores do escritor e o reconhecimento das grandes qualidades da sua escrita são aqui colocados em confronto.

PALAVRAS-CHAVE: Teixeira de Pascoaes, literatura, recepção, resistência, assimilação.

ABSTRACT: This article tries to verify how the work of Teixeira de Pascoaes, a Portuguese writer, has been received by the critical and the academic readers. It analyses theoretical essays on it and part of his own work, recently reprinted in Portugal. The resistance against his values as well as the recognition of the outstanding qualities of his writing are here in confront.

KEY-WORDS: Teixeira de Pascoaes, literature, reception, resistance, assimilation.

“É ser quase invisível ser presente”
Cânticos

Qual a regularidade com que vem sendo editado material sobre Teixeira de Pascoaes (1877-1952)? Qual a tônica dos textos produzidos recentemente em Portugal com essa finalidade? A fortuna crítica proporciona a cristalização de que valores dentre os contemplados pela obra de Pascoaes? Está a ser privilegiado o conhecimento daquilo que Fernando Pessoa chamou de a “poesia lírica” de Pascoaes, em detrimento dos textos narrativos, dramáticos e didáticos²? Em que medida a montagem da biografia tem mobilizado estudiosos ou contribuído para aprofundar o conhecimento do elenco de títulos ficcionais e formativos?

O presente artigo procura avançar basicamente nas respostas a estas cinco questões, a fim de refletir sobre a importância da actual recepção da obra de Teixeira de Pascoaes e a profundidade com que os textos poéticos (e não só) são recebidos pelos leitores.

A escolha do material examinado foi motivada pela acessibilidade e pela actualidade. Há muitos volumes concernentes a Pascoaes nas livrarias e nas bibliotecas públicas de Portugal, tanto quanto artigos digitalizados. Uma parte é demasiado antiga para despertar interesse, outra é recente e, como esteve ao alcance desta investigadora, pode, em princípio, influenciar qualquer leitor, português ou estrangeiro.

Esta apreciação - que não pretende ser um levantamento exaustivo da bibliografia do autor nem esgotar a problemática da assimilação de uma obra associada ao orgulho de intelectuais portugueses pela Renascença Portuguesa e pela revista *A Águia* - foi possível a partir da leitura dos livros referidos na bibliografia, do conhecimento de manifestações oficiais da cidade em que o artista nasceu e também do questionamento (breve, ainda que o desejássemos rigoroso) a que a investigadora se dedicou. Pretende sobretudo levantar pistas de compreensão.

¹ Mestre pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e doutoranda pela FFLCHUSP

² Cf. Salvato Trigo, “Pessoa e Pascoaes: o hífen do Norte”, *Amarante Municipal*, n. 7, outubro de 2003. Além disso, é interessante ter em mente a leitura de alguns artigos publicados na revista *A Águia*, pois eles fazem entender que Teixeira de Pascoaes considerava a poesia como guardiã da alma do povo, no que ele tem de mais profundo e misterioso, talvez um motivo, portanto, para fundamentar o enfoque de Pessoa.

Apenas para apresentar a principal bibliografia do escritor, eis alguns títulos, por ordem cronológica³, que demonstram a regularidade, a quantidade e a abrangência das publicações:

A) Em verso: *Embryões* (1895); *Belo* (1897); *Sempre* (1898); *À minha Alma* (1898); *Terra Proibida*⁴ (1899); *Cantigas para o Fado e para as “Fogueiras” do San João* (1899); *Profecia* (1901?)⁵; *À Ventura* (1901); *Jesus e Pã* (1903); *Para a Luz* (1904); *Vida Etherea* (1906); *As Sombras*⁶ (1907); *Senhora da Noite* (1909); *Marânus* (1911); *Regresso ao Paraíso*⁷ (1912); *Elegias* (1912); *O Doido e a Morte* (1913)⁸; *Miss Cavell* (1915); *Elegia da Solidão* (1920); *Cantos Indecisos* (1921); *Elegia do Amor* (1924); *Sonetos* (1925); *Londres* (1925); *D. Carlos* (1925); *Cânticos* (1925); *O Pobre Tolo* (s/d); *Painel* (1935); *Versos Pobres* (1949); *Últimos Versos* (1953).

B) Em prosa: *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*⁹ (conferência de 1912); *O Gênio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa* (conferência de 1913); *A Era Lusíada* (duas conferências de 1914); *Verbo Escuro* (1914); *Arte de Ser Português* (1915); *A Beira - num relâmpago* (1916); *Os Poetas Lusíadas*¹⁰ (conferências de 1918); *O Bailado* (1921); *A Caridade*¹¹ (1922); *A Nossa Fome* (1923); *O Pobre Tolo* (1924); *Jesus Cristo em Lisboa* (1927)¹²; *Livro de Memórias* (1928); *São Paulo* (1934); *São Jerônimo e a Trovoada* (1936); *O Homem Universal* (1937); *Napoleão* (1940); *Duplo Passeio* (1942); *O Penitente* (1942); *Duplo Passeio* (1942); *Santo Agostinho* (1945); *O Empecido* (1950); *Guerra Junqueiro* (1950); *Drama Junqueiriano* (1950); *Pro Paz* (1950); *Apresentação do Teatro dos Estudantes de Coimbra no Cine-Teatro Amarantino* (1951); *Dois Jornalistas* (1951); *Aos Estudantes de Coimbra* (1951); *António Carneiro* (conferência de 1950, publicada em 1952); *A Minha Cartilha* (1954); *A Velhice do Poeta* (1973); *Da Saudade* (1973); *João Lúcio* (1953 e 1973); *Uma Fábula – O Advogado e o Poeta* (1978); *A Saudade e o Saudosismo* (1988).

Alguns dos títulos são, como se vê, póstumos. Ainda existem textos dispersos, alguns dos quais publicados parcialmente em periódicos. Como as datas encontradas após pesquisa correspondiam ou à primeira publicação parcial ou à menção/registo da existência do texto, não serão mencionadas datas para não remeter a explicações demasiado particulares. Mas devem-se ainda referir os títulos de textos como *Cartas a uma Poetisa*; *Cartas a um Poeta*; *D. Quixote e a Saudade*; *Camões nunca existiu*; *Versos Brancos*; *O Senhor Fulano*; *Fernão Lopes*; *O Bem e o Mal*; *O Anjo e a Bruxa*; *Cantos Empedernidos*; *Jesus*.

³ Alguns livros consultados omitem determinados títulos de Teixeira de Pascoaes, bem como apresentam datas diferentes quanto ao ano de publicação de um mesmo livro do autor. Existe controvérsia, inclusive, quanto à primeira publicação do autor, conforme admite o organizador de *A literatura de Teixeira de Pascoaes*, António Cândido Franco.

⁴ *Belo*, *À minha alma*, *Sempre* e *Terra proibida* foram reunidos num único volume (1997), pela Assírio & Alvim, com introdução de A. Cândido Franco.

⁵ Teixeira de Pascoaes escreveu este texto em parceria com Afonso Lopes Vieira. A publicação ocorreu apenas em 1937, sem constar o nome dos autores.

⁶ *As sombras*, *À ventura* e *Jesus e Pã* foram reunidos em volume pela editora Assírio & Alvim (1996).

⁷ Inserido no volume *Poesia de Teixeira de Pascoaes*, também pela Assírio & Alvim (2002).

⁸ *Para a luz*, *Vida etérea*, *Elegias* e *O doido e a morte* foram reunidos em um único volume, pela mesma Assírio & Alvim (1988).

⁹ Inserido em *A saudade e o saudosismo (dispersos e opúsculos)*, pela Assírio & Alvim (1988). O mesmo se passou com *O Gênio português...* e *A Era Lusíada*.

¹⁰ Inserido em *Poesia de Teixeira de Pascoaes*, antologia organizada por Mário Cesariny para uma edição de António Cândido Franco.

¹¹ Inserido em *O Homem Universal e Outros Escritos*, pela Assírio & Alvim, com prefácio de Pinharanda Gomes (1993).

¹² A peça teatral foi escrita em parceria com Raul Brandão.

Se a leitura da bibliografia tem uma evidente unidade e continuidade, a leitura da bibliografia passiva revela um objecto dúplice. A despeito da aura de excelência que envolve o nome Teixeira de Pascoaes, ele tem sido alvo de uma expressa rejeição, nomeada e também ela recusada por estudiosos¹³. Podem ser entendidos como intérpretes menos sensíveis à importância da obra de Pascoaes, críticos como Georg Rudolf Lind e Óscar Lopes, entre outros, sendo este último co-autor de um texto da década de 70 do século passado que arrisca restringir o projeto de Pascoaes à formação de um séquito provinciano que não contestava o líder¹⁴. António Cândido Franco oferecia depois aos leitores argumentos contrários a esta ideia quando, em 2000, alertou para a tendência portuguesa de chamar “provincianismo” o falar sobre a província¹⁵. Ele defendia que, desde Pessoa, assumir a condição de observador, partindo do seu próprio espaço formativo, não significa limitar-se, mesmo que esse espaço seja a aldeia natal. Ainda como opositor de Pascoaes numa polémica a respeito do Saudosismo, registremos o nome de António Sérgio. Se pensarmos um pouco mais, descontadas as questões pontuais, veremos que a própria Renascença Portuguesa foi renegada, até o surgimento de textos de estudo pormenorizado que remontam a 1990, como explica Paulo Samuel¹⁶. O lapso terá provavelmente colaborado para relegar a literatura de Pascoaes, dada como o seu principal exemplo, a um plano inferior ao que ela merece. É interessante notar que nem o cuidado editorial da revista *A Águia* nem a inclusão de material de autores estrangeiros (entre eles o brasileiro Lima Barreto e o galego Vicente Risco) influenciaram positivamente os críticos.

De todo modo, as numerosas publicações voltadas para a divulgação da obra de Pascoaes estão à disposição dos leitores e cabe aos investigadores, quicá aos curiosos e aos apaixonados, verificar em que medida elas são porta-vozes fidedignas. O número das edições de algumas das suas obras e até uma edição relativamente recente da obra completa pela editora Assírio & Alvim parecem também revelar esse objecto dúplice, que se vai editando e se vai desprezando.

A resumida história dos estudos biográficos sobre Teixeira de Pascoaes

Saíram nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX quatro obras cujos títulos sugerem uma análise da biografia de Teixeira de Pascoaes, a saber: *O Poeta, essa Ave Metafísica*, de Sant'Anna Dionísio; *Teixeira de Pascoaes*, de Alfredo Margarido; *Olhando para Trás Vejo Pascoaes*, de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos¹⁷; *Teixeira de Pascoaes. Contribuição para o Estudo da sua Personalidade e para a Leitura Crítica da sua Obra*, de Mário Garcia. Mas nenhuma delas, conforme asseguram os críticos, está de fato centrada no levantamento de dados concernentes à vida de Pascoaes. A obra de Alfredo Margarido começa com uma “Tábua Bio-

¹³ Em *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*, a conclusão da primeira parte, à p. 55, reitera aos alunos (o livro foi escrito para alunos da Universidade de Évora) a importância de não ler com preconceito os textos do poeta, prosador e pensador. O livro ressalta repetidas vezes esta ideia. Depoimento informal dado pela Prof.^a Dr.^a Maria Luísa Malato Borralho, autora de um artigo referido na bibliografia da presente análise, dá mais corpo à ideia da rejeição. Baseada em inquéritos aos alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sobre autores da historiografia literária, ela explica que o aluno de hoje, quando reconhece o nome de Teixeira de Pascoaes, tende a associá-lo a uma visão de mundo fascista, porque a mensagem de livros como *A Arte de Ser Português* foi erradamente confundida com a ideologia nacionalista praticada à época do Estado Novo em Portugal.

¹⁴ A. J. Saraiva e O. Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 1019 (1987). É importante ressaltar, contudo, que a edição de 2001 tem alterações significativas. O verbo “insular”, que os dois autores haviam utilizado para caracterizar o resultado de um processo vivido por Pascoaes, desapareceu nessa segunda versão, bem como a referência ao “círculo de admiradores” do escritor amarantino.

¹⁵ António Cândido Franco, *A Literatura de Teixeira de Pascoaes* (2000).

¹⁶ Paulo Samuel, *Teixeira de Pascoaes na revista A Águia*, p. 15 (2004).

¹⁷ *Olhando para Trás Vejo Pascoaes* teve edição também no ano de 1996.

Bibliográfica” e, a cada novo capítulo, apóia-se no recorte de um determinado trecho de Pascoaes para mostrar como todos os episódios narrados pelo poeta e prosador contribuíram para que ele se tornasse um grande artista¹⁸. Feitas as contas, o livro tem 315 notas de rodapé, sendo cerca de 50 oriundas de citações de um mesmo livro ficcional, *Livro de Memórias*. Em contrapartida, o autor do estudo recorreu às cartas trocadas por Teixeira de Pascoaes e amigos em apenas seis casos. Esteve a ler versos e reflexões como se fossem espelho da vivência de Pascoaes ou, quando muito, esteve a dialogar com o Pascoaes dado ao leitor na forma ou de narrador ou de eu lírico. O discurso fora de Pascoaes resgatado por Alfredo Margarido é o de época, o do contexto social português, ainda assim ligeiramente mal desenhado – porque simplesmente referido. Parece-nos que o crítico não via a obra de Teixeira de Pascoaes da mesma forma que o autor da seguinte interpretação: “Nos vários textos autobiográficos de Pascoaes que definem um espaço de reconstituição transfigurada do seu passado sentimental, encontramos naturalmente elementos...”¹⁹. (grifo meu).

Muito antes dessas publicações, Albert Vigoleis Thelen, alemão que traduziu Pascoaes em 1938 e em 1941, dedicara-se a escrever a biografia do artista, mas o projeto não teve continuidade e o que chegou a Portugal desta tentativa soou muito imaginativo/romântico.

Pascoaes em alguns artigos de revista, de 1994 a 2004

Distribuído em outubro de 2003, o número 7 da revista *Amarante Municipal* contempla interessantes aspectos da obra do escritor, por ocasião do cinquentenário da sua morte. Trata-se de uma publicação com doze artigos, nove deles a respeito da literatura produzida pelo poeta; um acerca da necessidade de criar em Amarante uma “Fundação Teixeira de Pascoaes”; um sobre a exposição realizada no museu municipal Amadeo de Souza-Cardoso, intitulada “Os Dias de Pascoaes”; mais um sobre o vencedor do Prêmio de Poesia Teixeira de Pascoaes do ano anterior ao da publicação, Fernando Echevarría. São seus autores alguns especialistas, além de parentes de Pascoaes e habitantes da cidade com quem ele teve uma relação próxima.

As oito páginas assinadas pelo Prof. Salvato Trigo têm o título “Pessoa e Pascoaes: o hífen do Norte” e se articulam em torno da idéia de que os dois poetas portugueses precisam ser estudados lado a lado, porque reconheceram no movimento nortenho Renascença Portuguesa uma forte possibilidade de dar unidade à cultura portuguesa daquela época, isto é, ambos enxergaram no mesmo grupo artístico uma alternativa à altura das expectativas estéticas dos dois para a modernidade portuguesa²⁰. O ponto em que Pessoa difere de Pascoaes, conforme a leitura de Salvato Trigo, prende-se à noção pessoana de que a arte letrada portuguesa daquele período estava bastante desorganizada, anárquica, a não ser justamente pela direcção que nomes como Guerra Junqueiro, António Nobre e o próprio Teixeira de Pascoaes imprimiam ao conjunto. A postura do escritor amarantino era mais patriótica e telúrica, via no sentimento português e na ligação do homem com a sua terra o centro da imaginação criativa portuguesa.

¹⁸ Os livros aproveitados são: “I – Infância e Entrada no Mundo”, “II – A Natureza”, “III – O Plano Político”, “IV – A Teoria da Raça”, “V – O Retrato de Leonor-Eleanor”, “VI – A Palavra”, “VII – O Enigma de Deus e do Destino”, “VIII – A Antropologia e a Etnografia”, “IX – A Colaboração com Raul Brandão”, “X – O Medo”, “XI – A História nas suas Implicações Poéticas”, “XII – A Criação Poética”, “XIII – O Sentimento da Humanidade”, “XIV – A Saudade e o Saudosismo”, “XV – A Águia”.

¹⁹ António Cândido Franco, *Transformações da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, pp. 20-21 (1994).

²⁰ Jacinto do Prado Coelho, em 1964, já se tinha pronunciado relativamente a esta proximidade. Parece-me, contudo, que a cada vez que um crítico atento e penetrante descobre uma ponte para a leitura de Pascoaes, está a renovar essa vertente e, assim, esta linha persiste no estudo do artista.

Já com as vinte e duas páginas do Prof. Isaac Estraviz, da Universidade de Ourense (Espanha), ficamos a saber que Teixeira de Pascoaes influenciou poetas galegos por ser o artista de Portugal que eles mais admiram. Igualmente descobrimos que o estudo da obra do autor português sofreu uma interrupção considerável, apesar de a imprensa galega dar espaço à divulgação dos laços que unem galegos a este ícone português e à colaboração produzida pelo próprio Teixeira de Pascoaes. Faz-se alusão a parágrafos de cartas, recensões de livros, caricaturas que desenhistas da Galiza esboçaram da figura franzina de Pascoaes etc. Um dos elementos mais comentados e queridos dos artistas galegos é o que chamam de “Saudade criadora”. Com recurso ao texto de Pascoaes, cidadãos da Galiza e de Portugal exprimiram um estar no mundo muito próximo. Vicente Risco chegou a afirmar que a leitura deste irmão português fazia com que ele se sentisse mais pertencente ao solo galego, porque descobria a alma galega dita por um estrangeiro. É curioso que ele projecte sobre um território a sombra do território vizinho: na liberdade do escritor nascido em Amarante, ele constata a necessidade de agir e de ser dos seus. E até a invocação poética de um Xavier Bóveda tem ecos de Pascoaes: “Graziela: recuérdame em alguno de tus fados dulces. Yo rezaré tu nombre com versos de Teixeira de Pascoaes” (p. 33). Na formulação de outro galego, Noriega Varela, está a palavra “formidable” (p. 34), para caracterizar o autor de *Marânus*. Testemunhos de um entrosamento e de um acolhimento verdadeiros/ sinceros, a serem investigados.

O último artigo desta publicação de 2.500 exemplares que cumpre comentar chama-se “Pascoaes e Camilo: duas sombras” e é de António Mega Ferreira. Fala de Camilo Castelo Branco, que teria constituído para Pascoaes sobretudo memória de infância. Ele o associaria à paisagem da serra do Marão e por isso o colocava no centro da “tragicomédia do desassossego português” (p. 48). Para ambos a vida seria expiação, desgosto, insubordinação. Uma inspiração para a poesia de Pascoaes, Camilo foi igualmente personificação do sujeito marcado pelo inconformismo e pela desgraça, como *O Penitente* mostra, salientando o que há de Camilo em Pascoaes.

Em outra revista, mais precisamente no nº 132/133 da *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, ano de 1994, aparece um texto de Armando Nascimento Rosa a enfatizar o tema dos parentescos literários. Se já houve quem visse paralelismo entre Pessoa e Pascoaes, ou entre Pascoaes e os galegos ou entre Pascoaes e Camilo Castelo Branco, encontramos agora uma nova sugestão de comparação dentro da obra de Teixeira de Pascoaes. Trata-se de uma sucinta apreciação da edição do livro *São Jerônimo e a Trovoada*, pela Assírio & Alvim no ano de 1992. Partindo do pressuposto de que o escritor amarantino sabia reconhecer o “indivíduo de gênio” (p. 252), Armando Nascimento ressalta que na biografia do religioso o biógrafo evocava traços encontrados por ele em outros indivíduos de gênio, como se ao dissecá-los se tornasse capaz de conhecer melhor a sintonia entre a alma e o mundo. Pascoaes pretendia, portanto, conhecer melhor o caráter de S. Jerônimo, homem já desenhado pela literatura, usando da sua intuição para desvelar o intuitivo, o poético, o transcendente.

No nº 135/136 da *Colóquio/Letras* do ano de 1995, o livro de Teixeira de Pascoaes em foco é *O Homem Universal*. De novo a edição pertence à Assírio & Alvim que, de forma sistemática, se estava a encarregar de pôr no mercado os títulos do autor. Quem assina a coluna “Livros sobre a Mesa”, Mário Garcia, comunga das idéias de Pascoaes, pois chega a citar, num texto de poucas linhas, outros críticos que, tanta a empatia, foram por Pascoaes elogiados. Mário Garcia, ao construir o seu texto sobre as referências de Pascoaes, dá-nos acesso a uma linha de leitura da obra de Pascoaes, sem mensagens dissonantes e/ou difíceis de decifrar.

Também na seção “Epistolografia” da mesma *Colóquio/Letras*, no seu número 147/148, do ano de 1998, José Carlos Seabra Pereira destaca a amizade entre Pascoaes e Anrique Paço d’Arcos, poeta lisboeta trinta anos mais novo que Pascoaes. Seabra Pereira põe em evidência a afinidade estética e a identificação pessoal, para filiar a poesia de um à de outro. Mas, ao contrário do que fizera Mário Garcia, elegeu pontos fracos do conjunto da obra de Pascoaes. A ressalva tem que ver também com o tamanho do texto, além de outros fatores. São cerca de duas páginas e meia e não mais a meia página ocupada pelo outro artigo. A extensão, como é óbvio, permite alargar o campo de visão e evidenciar conflitos dentro do conjunto em exame. Seja como for, a nota discordante tinha como objectivo valorizar o nascimento de um intercâmbio humano e artístico, justamente num período em que o poeta de Amarante fazia obras “de qualidade claudicante” (p. 354). Do reconhecimento de uma debilidade e de um laço novo, o crítico passa à defesa de uma epifania: o encontro entre os dois escritores portugueses foi tão fecundo, que chegou ao sublime, e pode ser por isso detalhado, estudado. Segundo Seabra Pereira, o mergulho neste lado afetivo de Pascoaes traz ao leitor a possibilidade ímpar de entender melhor a personalidade deste artista.

Merece nota um texto de 1996 inserido na revista *Diacrítica*, da Universidade do Minho, com a assinatura de Manuel dos Santos Alves, docente daquela instituição. Duas características de Teixeira de Pascoaes são postas em relevo em função do alto valor literário e da importância humanista que fazem adivinhar no poeta. O autor chama nossa atenção para capacidades sofisticadas e incomuns de que Pascoaes era dotado: a de ver simetricamente para uma direcção e para a outra e a de conciliar. A acuidade da visão de Pascoaes está no olhar para frente e para trás, o que equivale a dizer também, e metaforicamente, olhar para o passado e para o futuro ou para o paganismo e para o Cristianismo. Pascoaes teria a particularidade de aproximar realidades, evitando que uma anulasse a outra ou diminuísse sequer o valor da outra, e oferecendo um retrato da existência mais pleno de sentido, pois formado a partir de conjuntos complexos que os observadores costumam dissociar. Depois de estabelecer uma linha de pensadores e artistas que lidaram com o tema da morte da tradição pagã (para a sobrevalorização da herança cristã e a crescente reinserção desta cultura nas sociedades europeias), ele chega ao contributo de Pascoaes, alçando-o à categoria de “poeta metafísico”, “profeta”, “vidente”²¹. Está neste texto reforçada a leitura de Jacinto do Prado Coelho²² quanto à simultânea presença de Pã e de Jesus nos poemas de Pascoaes. Está também documentado o avanço pelo sincretismo, a revitalização pelo mito, por assim dizer, em relação àquela literatura praticada por Camões ou por Eça de Queiroz, ambos mais apegados à questão estético-literária dos mitos (ao introduzirem elementos pagãos nas respectivas ficções). Santos Alves relembra ainda que, de outros modos, Almeida Garrett e Ramalho Ortigão utilizaram os mitos como formas de obter ironia, quer dizer, fizeram com que os mitos contribuíssem para criar um efeito retórico (de sentido pejorativo). Há outra indicação de leitura da obra de Pascoaes a apontar para o fato de o poeta ter recuperado uma antiquíssima linha que já fora a de Rabelais: ambos relacionaram o Cristianismo com o anúncio da morte de Pã.

Por fim, lancemos um olhar rápido para uma contribuição mais recente. Escrito em abril de 2003 para um colóquio sobre o autor, organizado pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o texto de Maria Luísa Malato Borralho identifica muito concretamente algumas

²¹ Manuel Ferreira Patrício escreveu texto sobre Pascoaes, em 1984 (com edição levada a público um ano depois), no qual utiliza significativamente o termo “vate” para classificar o poeta.

²² Em nota prévia de outra obra, *A literatura de Teixeira de Pascoaes*, António Cândido Franco aponta Jacinto do Prado Coelho como o responsável pela única edição crítica do legado do poeta do Marão preparada em Portugal até aquela data.

classificações da obra do autor expostas de forma mais alusiva, talvez, nos demais materiais consultados para a escrita deste texto²³. Ela escolheu falar sobre os rótulos da obra de Pascoaes numa ou noutra escola literária portuguesa; com isso nos levou a ver que os rótulos nunca são inocentes, servindo muitas vezes para desprezar ou marginalizar. Embora uns prefiram chamar Pascoaes de autêntico representante romântico e outros critiquem o que nele há de certo tipo de “Romantismo” sucintamente definido por características elementares (a herança semita, o individualismo ou egotismo, o Espiritualismo, a beleza que ultrapassa a matéria, o dramatismo), como se fosse traço diminuidor da obra literária deste escritor, o que importa nele são os contrastes, a tentativa de abarcar diferenças ao invés de aceitar rótulos unívocos. A intenção de Pascoaes parece ter sido negar o Romantismo e negar o Classicismo para criar um Classicismo romântico ou um Romantismo clássico. Vale a pena classificá-lo por meio de uma categoria histórica politicamente construída? Complexo, autor de obra vasta, perceptível na fusão com outros autores e discípulos, lido paradoxalmente na resistência de leitores influentes, Pascoaes ilustra o peso morto de palavras como “romântico” e “clássico”, que não são inócuas ou denotativas. E a obra resiste à pseudo tensão dos rótulos.

Edições e reedições que perpetuam Pascoaes

Com o apoio da Delegação Regional de Cultura do Norte, foi publicado o livro *Viajar com... Teixeira de Pascoaes*, numa tiragem de 2.000 exemplares, pela Caixotim, editora do Porto. A edição inclui mapas desdobráveis na 3ª capa para que o leitor localize pontos da região norte de Portugal, onde Amarante se localiza; tem as páginas presas por uma espiral que dá ao volume um ar mais descontraído e prático; anexa pontualmente desenhos do poeta e muitas fotografias e não está datada. Imita graficamente um velho caderno de viagens, mais do que um impessoal guia turístico. Os capítulos são “O Homem, o Escritor”, “Espaços de Inspiração”, “Topografia Literária” e “Nas entrelinhas”. O primeiro possui cronologia, precedida de comentários sucintos e de fragmentos de poemas; o segundo prima pelas imagens do universo íntimo de Pascoaes (o exterior do Solar, a Fonte da Carranca e a do Silêncio, o mirante, a biblioteca etc) e por algumas reflexões sobre a ligação do poeta com a Natureza; o terceiro associa andanças a textos verbais da autoria de Teixeira de Pascoaes; o quarto, finalmente, explica que, a despeito da saúde fraca do poeta, que pouco abusava dos prazeres culinários do norte de Portugal, é válido satisfazer a curiosidade do leitor comum a respeito dos doces, das bebidas e de outros hábitos/gostos presentes na vida de quem vivia ali naquela altura (é referido, entre outros, o encanto pelo automóvel, partilhado por Pascoaes²⁴). Não é feito apelo muito intelectualizado, que direcione apenas o leitor erudito para a (re)descoberta de Pascoaes. O que este livro oferece abarca quer o leitor já afeito às letras, quer o mais alheio a elas. A profundidade dos versos de Pascoaes está sugerida, é claro, mas em linhas gerais o importante aparece: as fortes impressões da infância, o desinteresse pelos estudos formais, a tentativa frustrada de exercer a profissão de advogado, a reclusão, a meditação sobre o que é ser português, sobre o que se espera de cada

²³ Fixemos o caso de António Cândido Franco, presente nesta investigação: de acordo com uma primeira leitura dos apontamentos do próprio crítico, é possível perceber que ele pensa Pascoaes como um escritor incompreendido, mas a profa. conseguiu recortar um outro fragmento em que o motivo da incompreensão é suficientemente bem apresentado ao leitor. No fragmento, o mesmo crítico reconhece em Pascoaes uma transcendência capaz de torná-lo difícil. Está diagnosticada a incompreensão.

²⁴ Os afeccionados por automóveis dizem que o primeiro automóvel entrou em Portugal no ano de 1895, quando Teixeira de Pascoaes era estudante em Coimbra, com idade suficiente para conduzir.

homem desta terra, e a transformação de cada fase em poesia, desenvolvida em conferências, em artigos para revista.

Com idêntico propósito, merece comentário uma coletânea organizada em 1979 pelo diretor do museu da cidade de Amarante, António Cardoso. O nome da obra é *Maránus – Antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes*, remetendo evidentemente para a obra de Pascoaes. No sucinto prefácio está explicação que certamente convém a este texto. É correto dizer, após a leitura da introdução, que tanto o próprio Teixeira de Pascoaes quanto o autor da antologia percorreram com as palavras o trajeto que vai do árido para o leve, na expectativa de que um público alargado conheça melhor a cidade de Amarante. António Cardoso alega que fez algumas adaptações na ortografia de determinados textos, por exemplo. Fato é que as sete partes de que o volume é composto têm uma reunião curiosa, motivada pelo gosto de preservar uma memória da cidade, através de um afeto pelo sítio que, segundo o organizador, está sempre em reconstrução. As partes estão assim distribuídas: 1) Arqueologia: capítulo construído com textos sobre o Paleolítico, sobre mais de um tipo de vestígios doados a um museu no Porto, etc; 2) Arte: neste caso, o organizador foi buscar material de Almada Negreiros e do próprio Teixeira de Pascoaes; 3) Etnografia: está disposto nesta altura do livro, entre outros materiais, um poema de Pascoaes intitulado “Vinho Verde” (“Setembro da abundância.../ Velhice que parece nova infância./ São Miguel das vindimas, sol divino,/ negros frutos do néctar purpurino./ Ó sangue vivo, em flor,/ pintando as mangas da camisa do lavrador/ e os seus lábios que ficam a sorrir.../ lagares a ferver, vermelha espuma a abrir,/ e que bom cheiro a mosto,/ luz de perfume, espírito, embriaguez,/ esparso e alado gosto/ almas de Bacanais, em sombra e palidez”); 4) História: capítulo formado por textos a respeito das invasões francesas, da conservação da ponte atacada pelos invasores, do convento de Santa Clara, etc; 5) Literatura: foram postos neste bloco Vitorino Nemésio (para falar de Alfredo Brochado), Joaquim de Carvalho e Jorge de Sena (estes últimos autores de textos que louvam Pascoaes); 6) Paisagem física e humana: aqui figuram Aquilino Ribeiro e Camilo Castelo Branco, em fragmentos de textos ficcionais, respectivamente *A Casa Grande de Romarigães*, *Vinte Horas de Liteira* e *Memórias do Cárcere*; 7) S. Gonçalo de Amarante, Lenda e Santidade: temos, por fim, um texto apenas, da autoria de Frei Luís de Sousa.

É igualmente interessante a mais recente edição de *Livro de Memórias*, publicada em 2001, com um prefácio de 22 páginas escrito por António Cândido Franco. Exactamente no sentido contrário de *Viajar com... Teixeira de Pascoaes*, o que é oferecido neste volume tende para a teorização como forma de levar ao melhor de Teixeira de Pascoaes. Há no início uma comparação entre este livro e *Uma Fábula*, para que fique definido o gênero memorialístico e o que, no caso do escritor em questão, mais se aproxima dele. O crítico dá informações para o leitor compreender por que *O Pobre Tolo* (com narrador em 3ª pessoa, de cariz caricatural, enigmático e praticamente inqualificável) também não é exemplo de obra memorialística. Daí distingue as “memórias” do “diário”, sublinhando o afastamento espacial e temporal daquelas; chega assim a um dado importante, discutido ao longo de todo o prefácio: o lirismo de Pascoaes - a sua “imaginação evocadora” (p. 13) ou “elaboração poética” (p. 15) - afasta este livro daquele tipo de relato documental, histórico. As opções do autor atendem ao chamado da saudade, são pessoais, mas porque são igualmente da alma portuguesa dialogam com o presente. Também a Saudade, para Pascoaes, era o encontro do passado e do futuro, e não uma revisitação do passado. Segue-se uma comparação extensa com *Uma Fábula*, incluindo datas, quantidade de capítulos, diferenças na concepção de juventude, personagens etc.

Retomando argumento defendido em mais de um artigo de revista, a questão das parencas com outros escritores, apontamos para o paratexto de outro título relançado pela Assírio & Alvim, *Senhora da Noite*. Mário Garcia alude aí à influência que este poema teve sobre Fernando Pessoa. De acordo com a apreciação que ele faz, foi o heterônimo Álvaro de Campos quem expressou o apreço do poeta pela imagem da noite e da maternidade em Pascoaes. E como o volume contém também o texto de *Verbo Escuro* e relativamente a ele mais referências a Fernando Pessoa, a análise prossegue. Mário Garcia, a fim de introduzir o leitor no universo de *Verbo Escuro*, menciona mais uma vez Fernando Pessoa que, tal qual Teixeira de Pascoaes nesta última obra e nas posteriores, teria atentado (em carta a Armando Cortes-Rodrigues), para uma noção “da gravidade e do mistério da Vida”²⁵. Se Pessoa não admirava um poeta preocupado em pasmar o leitor sem atingir o nível da metafísica com a sua poesia, Pascoaes desejava o poeta que “alcança os píncaros da Vida”²⁶.

Introdução mais curta preparou Miguel Esteves Cardoso para *Arte de Ser Português*. À maneira daquilo que ele louvava em Pascoaes, escreveu sobre o livro de coração aberto, lamentando o fato de a vocação do artista de Amarante para a conciliação não lhe ter permitido falar aos seus compatriotas. Segundo a interpretação de Miguel Esteves Cardoso, Pascoaes, sem o admitir, inventou Portugal com o livro *Arte de Ser Português*; deixou como legado um retrato ideal e admirável, em que os outros portugueses não se reconheceram, no entanto. Dono de uma capacidade imensa de assimilar e devolver em linguagem refinada, não pôde captar tudo o que seu país era e queria e, por isso, permaneceria no panorama das letras nacionais como um estranho, um incompreendido – ainda que lhe sejam rendidas homenagens, em especial na sua cidade natal.

Para finalizar, sugiro voltarmos ao autor do artigo que comparava Pascoaes a Camilo Castelo Branco, António Mega Ferreira. Responsável desta feita pela introdução do volume da Assírio & Alvim que traz as histórias *A Beira (num relâmpago)* e *Duplo Passeio*, ele ressalta basicamente paralelos, e mais uma vez, o elo que une Pascoaes a Camilo, ao referir a intertextualidade presente no texto do primeiro. Em seguida, traça outras ligações, uma entre Pascoaes e Álvaro de Campos e outra entre Pascoaes e Marinetti. Ambas encontram justificativa na atenção que o escritor de Amarante deu, no livro apresentado, ao aparecimento do automóvel – e da velocidade. O objetivo parece ser o de mostrar ao leitor como a perspectiva do observador mudava face à velocidade, passando o apreciador a um estado de embriaguez. A história difere muito de *Duplo Passeio*, muito mais representativa da angústia de Pascoaes e da busca, na Natureza, de uma resposta à presença de Deus e à ausência em nós, da serenidade deste Deus.

Teses dedicadas à obra de Teixeira de Pascoaes

Uma pesquisa por assunto à base de dados eletrônica portuguesa PORBASE, Base Nacional de Dados Bibliográficos, remete-nos apenas para um trabalho de pós-graduação dedicado ao estudo de Teixeira de Pascoaes. Tem o título de “A concepção do absoluto em Teixeira de Pascoaes” e foi realizado por José Carlos Captivo Frazão Teixeira Brígida, com a orientação do docente da Universidade de Lisboa, Prof. Dr. Paulo Borges. Apresentada em 2003, tem 189 páginas e é fruto de um mestrado em Filosofia.

²⁵ Teixeira de Pascoaes, *Senhora da Noite* e *Verbo Escuro*, p. 11 (1999).

²⁶ *Idem*, p. 43.

Catalogadas pela biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto estão as dissertações: 1) “Do Sentir e do Pensar. Para uma Antropologia Experiencial de Matriz Poética da Contemporaneidade”, de Paula Cristina Moreira da Silva Pereira, concluída em 2004; 2) “O Nacionalismo em Teixeira de Pascoaes”, de Maria José Alves Pereira de Sousa, apresentada em 1998; 3) “Em Torno do Pensamento de Teixeira de Pascoaes”, Teresa Macedo, apresentada em 1994; 4) “Memória e Desejo: uma Meditação com Teixeira de Pascoaes”, de Isabel Maria Moura da Silva, apresentada em 1990 e 5) “A Saudade em Teixeira de Pascoaes”, de Carlos Nuno Salgado Vaz, apresentada em 1986. Além delas há um trabalho de 2007, apresentado por ocasião das provas de Agregação da docente Maria Celeste Lopes Natário, não por acaso natural da cidade de Amarante.

A mais recente dissertação referida, de Paula Cristina Moreira da Silva Pereira, orientada pelo Prof. Dr. Adalberto Dias de Carvalho, reúne 472 páginas e se divide em quatro partes, excluídos os tópicos “Nota prévia”, “Em jeito de abertura”, “Siglário”, “Introdução”, “Notas para uma conclusão” e “Bibliografia”. Exceto a segunda parte, que tem três capítulos, as demais contam com dois capítulos cada. A reflexão em torno de Teixeira de Pascoaes ficou mais densamente concentrada no capítulo II da segunda parte, no qual há também dados e conclusões sobre Leonardo Coimbra. Aceitando como princípio que “Pensar poeticamente é tentar permanecer numa relação com a origem, com o sagrado e com o mistério”²⁷, a investigadora alarga-se sobretudo pela definição dos conceitos de sensibilidade, Sublime, racionalidade, pensamento e poesia, tendo para tanto examinado Nietzsche, Heidegger, Descartes, Derrida e Kant, sobretudo. Pascoaes surge como exemplo da possibilidade de viver o sentir, de levá-lo para a esfera do acolhimento, segundo ela um típico processo português. A ligação que ele estabelece entre pensar e sentir tem em si a maneira como une Filosofia a Poesia na tradição portuguesa. Ela vai buscar em Pascoaes a noção de que o pensamento é “comovida vivência” (p. 41).

A segunda dissertação, de 179 páginas, foi desenvolvida por Maria José Alves Pereira de Sousa, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Silvério Abranches de Soveral. A Parte I traz “Aspectos bio-bibliográficos” em dezenove páginas, mas nelas, sem interpretações ou deduções, a investigadora se restringe a relatar o que está posto nos livros, seguindo ordem linear, num tom que beira o ingênuo, sobretudo pelo uso que faz da adjetivação (“A 31 de Março de 1951 realizou-se a homenagem do povo de Amarante a Teixeira de Pascoaes. Inaugurou-se uma bela exposição bibliográfica e nessa sessão solene...”, p. 21). A Parte II é a introdução e tem o nome de “Algumas Características do Pensamento de Pascoaes”. A pesquisadora alia o “gênio metafísico” de Pascoaes à obra de Henri Bergson, à de Antero de Quental, à de Hebert Spencer, à de Sampaio Bruno e à do espanhol Unamuno logo nas primeiras páginas, afirmando-os como leituras de Teixeira de Pascoaes. Acrescenta que a onda de esoterismo do final do século XIX contribuiu para que Pascoaes ingressasse na Maçonaria, por exemplo. Passa rapidamente para a Parte III, “A Perspectiva Gnoseológica em Pascoaes”. Principia, então, discussão sobre o suposto desejo de Pascoaes quanto à dignidade da poesia, enquanto canal da descoberta de uma Supra-realidade. Pascoaes é apresentado hiperbolicamente como o artista português que melhor reflectiu sobre a verdade, a solidão e a saudade, temas caros ao povo português. Na Parte IV, “O Nacionalismo”, não existem ligações directas à visão de Pascoaes: a investigadora vai de Álvaro Ribeiro a Fernando Pessoa, para situar o nacionalismo em Portugal. É só na Parte V, “O Nacionalismo em Teixeira de Pascoaes”, que chegamos à participação do artista na definição da identidade

²⁷ p. 258

nacional. Fica estabelecido que Pascoaes tomava como central a idéia de que cada povo tem uma missão histórica a cumprir, sendo a de Portugal a união do Paganismo com o Cristianismo. Vem a Parte VI, “Conclusão”, e nela a afirmação de que Pascoaes estava “investido de um novo poder criador” (p. 128), justamente o de colocar o país em consonância com a missão que a ele competia. O texto final é curto, termina com fragmento de *A Caridade*, livro de 1922.

A terceira dissertação de Mestrado é da responsabilidade de Teresa Macedo, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Silvério Abranches de Soveral, o mesmo orientador do trabalho resumido acima. Tem uma extensão semelhante: 132 páginas. Seguindo idêntico padrão estrutural, este trabalho tem início com um enquadramento biográfico e bibliográfico, seguido de “A Problemática da Saudade”, “Para uma antropologia da Saudade” e “Conclusões”. A questão da “Saudade” é abordada desde a etimologia da palavra, apoiada em apontamentos de Carolina Michaëlis, atravessa a expressão poética de Camões, chegando a Pascoaes. Daí vem uma subdivisão da temática da Saudade em dois períodos e a convicção de que Teixeira de Pascoaes desejava que Portugal, por ser um país marcado pelo signo da saudade, recriasse a vida com a herança de fecunda imaginação e de sentimento de religiosidade. A aluna descreve o programa de Pascoaes para a reforma cultural (escolar, inclusive) da nação, recorrendo ao texto das conferências que ele proferiu e a excertos de livros. Fala, também, dos pensamentos que ele nutria quanto à reforma religiosa, os quais remetem para a liberdade e para a conquista da autonomia. Há um capítulo mais longo sobre os símbolos, mitos e imagens do pensamento saudosista, até a conclusão da pesquisa.

A quarta dissertação também teve orientação do Prof. Dr. Eduardo Abranches do Soveral, do Departamento de Filosofia, tendo como autora Isabel Maria Moura da Silva. Resultou em 207 páginas, separadas em “Introdução”, “I - Memória”, “II - Desejo”, “III - Saudade” e “Bibliografia”. O primeiro recorte a que a investigadora procede é o da dificuldade: Pascoaes está (e sempre esteve, de acordo com ela) fora de moda em Portugal; os estrangeiros podem quando muito aceitar bem as traduções de livros como *São Paulo*, por exemplo, mas dentro do país de Teixeira de Pascoaes paira a resistência quanto à comunicabilidade da escrita de Pascoaes. Isabel Silva colherá em Eduardo Lourenço a afirmação de que Pascoaes, por ser intuitivo e de classificação complicada, pareceu muito antiquado. A modernidade, nele, é de outra espécie e o que a investigadora pretende é torná-la matéria de que a sociedade portuguesa de hoje possa desfrutar, sem cair no evitamento do texto, só porque o pensamento filosófico do autor não cabe perfeitamente nos cânones clássicos do pensamento metafísico²⁸. Para tal, busca em Todorov o melhor de três caminhos possíveis para a leitura de um poema, de modo a escolher o tipo de análise que não empobreça Pascoaes. Ela acertadamente lembra que é importante colocar o estudo da obra de Pascoaes no mesmo patamar que o pensamento do próprio autor português, ainda que a tarefa seja ingrata. O que encontramos em seguida, sem sair da primeira parte da dissertação, são leituras de textos de Pascoaes, nos quais estão reconhecidos pela investigadora tópicos como a relação entre o universal e o individual, a redenção, a ascensão (complemento da redenção), a vanidade etc. Como já tivemos oportunidade de ver, aqui também se usa o rótulo de visionário, de “enviado” (p. 65),

²⁸ A redacção deste texto, é válido registar, é muitíssimo mais cuidada e convidativa neste trabalho; percebemos claramente que a investigadora se interessava pelo tema, que levantava dúvidas pertinentes, que relativizava as fontes encontradas (ela faz isto com o próprio Eduardo Lourenço: “Este é o ponto de vista de Eduardo Lourenço. Outros haveria a considerar; de qualquer modo, eis um exemplo que nos parece elucidativo sobre a fecundidade de uma posição crítica. Não basta, decerto, afirmar a ‘actualidade’ ou a ‘modernidade’ do pensamento de Pascoaes. Torna-se necessário trazê-lo até nós, fazê-lo ancorar nos portos onde chegam as questões que consideramos do nosso tempo”, p. 5).

por força dos desejos que ele captava de uma memória colectiva diluída e transmutava, corporificava e devolvia com a palavra adequada. A segunda parte do trabalho começa por situar as questões filosóficas contidas em *Marânus*. Passa em revista a noção de corpo, a de limitação desse corpo, a de tentação e, finalmente, o desejo. A investigadora reconhece em mais dois textos de Pascoaes paralelos que denunciam profundidade: em *São Paulo* e em *São Jerônimo* ele associara misticismo a prostituição e a sensualidade (p. 90). Tudo atrelado também ao riso, pois na perspectiva de Pascoaes a todo o riso (incluindo, portanto, o do erotismo) está subjacente uma vontade de resgatar o primeiro riso, aquele da criação do universo, aquela manifestação de plenitude. Daí que o exame dos textos de Pascoaes leve aos seguintes temas: o amor, a alma, o tempo, os sentimentos, o bem e o mal, o espírito, a alteridade e a errância, para culminar nas leituras que definem o homem peculiar e o homem universal, entendido como o próprio Pascoaes e as figuras por ele criadas.

A quinta e mais antiga dissertação, de 1986, é fruto do trabalho de pesquisa de Carlos Nuno Salgado Vaz. Tem 238 páginas e se insere no departamento de Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nas “Preliminares”²⁹, ficamos a saber que, à altura da redação do texto académico, era difícil encontrar livros de Pascoaes nas livrarias portuguesas. Havia, outrossim, abundância de informação anedótica sobre o autor. Na mesma subdivisão, o investigador refere dois críticos que considerou mais abertos à leitura de Pascoaes: Santana Dionísio e João Mendes. Ambos publicaram material sobre o autor amarantino nas décadas de 40 e 50 do século passado, mas em formatos diferentes; o primeiro preparou um livro que este artigo já referiu, *O Poeta, essa Ave Metafísica*, e o segundo, artigos para a revista *Brotéria*. A interferir com a leitura praticada pelo leitor comum estaria a terminologia de Pascoaes, segundo Carlos Nuno. Para ele, a exuberância da imaginação, a emotividade, o exagero das fórmulas e alguma confusão relativamente ao uso de alguns termos exigiriam do leitor uma espécie de tradução mental.

Apenas a título de registro, informo que houve, de 2005 a 2008, uma aluna do mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto envolvida no projeto de pesquisa intitulado “O mundo simbólico de Teixeira de Pascoaes”, sob orientação da Profa. Dra. Maria João Reynaud. No entanto, a aluna não concluiu o trabalho.

Conclusão

Voluntariamente entregue aos seus sob a forma de um eu lírico cuja alma fora dramatizada desde cedo (basta, para constatar-lhe a condição, ler ou o trecho final de *Verbo Escuro*, em que aparece textualmente o termo “dramatizou”, ou a epígrafe de *Arte de Ser Português*), Teixeira de Pascoaes ressurgiu no imaginário colectivo português de quando em quando. Todavia, a terra em que ele viveu e à qual dedicou atenção e palavras, parece não o ter interiorizado a ponto de, impregnada da sua poesia, olhar o mundo com mais humanidade e com estofo para sondar o mistério da vida. Não se vêem sinais de aceitação – talvez da figura abstrata, sim, mas não do que ela prezava e de certa forma propunha em verso e prosa. É caso para nos

²⁹ O texto tem também um fragmento que se chama “Pórtico”, subtítulos tão expressivos quanto “Ninguém é profeta na sua terra”, análise substancial de quatro poemas de Teixeira de Pascoaes (“Os meus Versos”, “Lá”, “As minhas Sombras” e “Último Canto”), parte teórica dedicada, entre outras coisas, às rupturas que o texto do autor representa, aproximações (entre Poesia e Teologia, entre Poesia e Filosofia) etc.

perguntarmos, portanto, como é que se acende ocasionalmente a chama de “... outro mundo, com outras criaturas”³⁰.

Como leitora e investigadora procurei, por meio dos livros, sentir o desvelo dos críticos para compreender, divulgar e reverenciar Pascoaes, acreditando na importância e originalidade da obra dele. Alguns conseguem até enxergar pontos cruciais que ainda estão por valorizar, o que é confissão de admiração e de respeito. Mas perturba, depois de lermos a obra, a recepção do autor dominada por rótulos e lugares-comuns. Também António Cândido Franco confirma esta conclusão em *Transformações da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, ao afirmar que poucas pessoas compreendem o que é a Saudade na obra do poeta amarantino.

Como estrangeira residente na cidade de Amarante, e portanto observadora privilegiada, não consigo descortinar nas solenidades e pontuais citações e/ou menções registadas aqui e ali por escrito, a mesma identificação com o artista da terra. Pergunto-me, para mais: haverá, em outras terras, espelhamento tal que resulte em reprodução comovida e genuína da herança de um artista? Há algo de paradoxal nas antonomásias que circunscrevem Teixeira de Pascoaes como “o autor de *A Arte de Ser Português*” ou o “poeta de Amarante”.

Da simplicidade de colocar-se ao pé da serra, como espectador rendido, da graça de transformar-se (seja em anjo, seja em árvore) por obra da chegada do outono, como Pascoaes sugere, que resta? Ora comentários ligeiros, como os de *Viajar com... Teixeira de Pascoaes*, ora discursos oriundos do arrebatamento que a elevada qualidade dos escritos de Pascoaes produz, como no prefácio de *A Beira (num relâmpago)*.

Terá a semente do autor gerado uma tradição ainda velada? Terá algum traço desta numerosa e profunda produção permanecido na visão das pessoas do lugar? O intervalo de tempo que separa de nós o artista provavelmente não nos dá clareza suficiente para responder de maneira assertiva a estas indagações. O que nos é dado fazer é acompanhar os processos de acomodação do artista e de seus valores no cenário nacional português, lendo nas entrelinhas, para se possível produzir conhecimento renovado em torno do que ele legou – como nos propôs a Profa. Maria Luísa Malato Borralho.

Pode estar a cargo de quem estuda Teixeira de Pascoaes o reconhecimento de uma dose de marginalidade no poeta. Os críticos aplaudem o trabalho do escritor, associam-no ao vidente, ao pastor, ao guia, ao enviado por causa da duplamente referida vocação para a conciliação de realidades, contudo a verdade que ele descobriu e apontou nos tipos desviantes, como o tolo, o doido, o penitente, o místico etc, não o credencia para receber dos leitores uma atenção à medida desta revelação.

Vale lembrar que muitos dos livros consultados para este trabalho foram emprestados pela Biblioteca Municipal Albano Sardoeira, de Amarante, criada em 1947, onde se encontram atualmente diversos volumes dos títulos de Pascoaes. Aqueles que não fazem parte do acervo desta instituição vieram da biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e de empréstimos da senhora Maria Salomé, professora aposentada e ela mesma poeta, moradora da cidade de Amarante há cerca de quarenta anos.

O museu da cidade, referido na página 4, vende exemplares de um livro com desenhos de Pascoaes. A Fundação Calouste Gulbenkian disponibiliza através da web material sobre o autor. A editora Assírio & Alvim destaca-se no mercado editorial português, também ao seguir uma política de relançamento das obras de Teixeira de

³⁰ Teixeira de Pascoaes, *Senhora da noite e Verbo Escuro*, p. 46 (1999).

Pascoaes. Na produção escrita docente, como se nota a partir dos exemplos distribuídos ao longo do trabalho, a sofisticação e a densidade de Pascoaes fazem algum eco e procura-se garantir que a palavra dele ainda reverbere. Todavia, isto não corresponde a dizer que o leitor comum faça jus ao empenho e à sensibilidade de Pascoaes nem que seja atingido pelo discurso dele ou sobre ele. Tampouco o estudante universitário recém saído da graduação elege Pascoaes como objeto de estudo. Será que o conhece? E quando o “conhece”, será que o leu? Em vinte e dois anos (de 1986 a 2008), a Faculdade de Letras da Universidade do Porto teve o número pouco expressivo de seis estudos de Mestrado sobre Teixeira de Pascoaes, um deles abandonado.

Proponho duas reflexões.

Que se pense na possibilidade de os momentos de adesão à complexidade da literatura de Teixeira de Pascoaes estarem isentos do receio de ele vir de um meio pequeno, de um Portugal “profundo”. Pascoaes não soa estranho, se o leitor para quem ele queria falar não se furta à tarefa de penetrar na alma deste povo e o perspectivar inserido num universo maior. Não se é provinciano porque se vive na província... E ultrapassar a barreira do próprio complexo, das auto-imposições, exige fôlego, atenção ao presente (que só aquela ambivalência e aquela vocação para a união de contrários, em Pascoaes, permite, pela justaposição de passado e futuro). Quem, hoje, assume a tarefa, dá à cultura portuguesa a solidez desejada por Pascoaes.

Indico um elemento lido em Pascoaes que a crítica tem sabido difundir, sustentar, mas não integrar no valor da recepção literária. Ao insistirem nas relações intertextuais entre ele e determinados artistas da palavra, estão a reiterar o intercâmbio idealizado por ele. O sentido de colaboração que ele queria para Portugal está presente na exposição de uma interlocução Pascoaes-Pessoa, Pascoaes-Camilo, Pascoaes-galegos. Pascoaes era receptivo, captava as diferenças, devolvia um produto, o fato de o reconhecerem fora da poesia dele é acreditar no diálogo que a essência de um mantém com a de outro. Como postulou um dos críticos lidos para este trabalho, a epifania, a desconcertante descoberta que inaugura a diferença, veio, em Teixeira de Pascoaes, de uma amizade, de uma troca. Talvez nesta direção, aliás, pudesse ser conduzida uma pesquisa de diferente natureza biográfica sobre ele, até porque a dinâmica da relação entre os membros do grupo a que Teixeira de Pascoaes estava filiado incomodou outros críticos, como tivemos chance de observar.

Para além disto, finalmente, e consoante o *corpus* levado em conta nesta pesquisa, acrescento apenas que não prevalece mais a leitura do acervo lírico de Teixeira de Pascoaes; foi superada a tendência que Fernando Pessoa notou. Há estudos do conjunto da obra, há estudos de textos narrativos e estudos de textos poéticos, tudo mais ou menos equilibrado. Também não se coloca hoje com muita gravidade a indagação sobre a regularidade dos estudos da obra de Pascoaes: os críticos têm lançado idéias, a obra foi reeditada com critério. O que não se configura é uma campanha, por assim dizer, pela perda do estigma de nacionalista puro atribuído a Pascoaes. É uma mácula que continua a impedir a leitura da sua obra. A batalha teria que ser tão esperançosa quanto a do artista, isto é, uma batalha para valorizar o homem de visão, o gênio. E sobretudo o destacado marginal que Pascoaes foi.

BIBLIOGRAFIA LIDA E CONSULTADA

BORRALHO, Maria Luísa Malato. “Teixeira de Pascoaes: um clássico romântico?”, **Revista da Faculdade de Letras – Filosofia**, Univ. do Porto, II, Volume XXI, Porto, 2004, pp. 81-102
BRÍGIDA. José Carlos Captivo Frazão Teixeira, **A concepção do absoluto em Teixeira de Pascoaes**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade de Lisboa. Lisboa, 2003

- COELHO, Jacinto do Prado. **A Poesia de Teixeira de Pascoaes** (seguido de) **A educação do sentimento poético**. Porto, Lello Editores, 1999
- ESTRAVIZ, Isaac. “Reflexões de Teixeira de Pascoaes e escritores e intelectuais galegos”, **Amarante Municipal**, Amarante, n.º 7, out. 2003, pp. 24-44
- FERREIRA, António Mega. “Pascoaes e Camilo: duas sombras”, **Amarante Municipal**, Amarante, n.7, out. 2003, pp. 46-51
- FRANCO, António Cândido. **A Literatura de Teixeira de Pascoaes**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000
- _____. **Transformação da Saudade em Teixeira de Pascoaes**. Amarante, Edições do Tâmega, 1994
- GARCIA, Mário. “Pascoaes: uma raridade em nova edição”, **Colóquio/Letras**, n.135/136, 1995, p. 226
- LOPES, Óscar e SARAIVA, António José. **História da Literatura Portuguesa**. Porto, Porto Editora, 1987
- _____. **História da Literatura Portuguesa**. Porto, Porto Editora, 2001
- MACEDO, Teresa, **Em Torno do Pensamento de Teixeira de Pascoaes**. Dissertação (Mestrado em Filosofia do Conhecimento). Porto, Universidade do Porto, 1994
- Marânus. Antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes**. António Cardoso (org.). Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 1979
- MARGARIDO, Alfredo. **Teixeira de Pascoaes**. Lisboa, Arcádia, 1961
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 23ª ed. São Paulo, Cultrix, 1997
- PASCOAES, Teixeira de. **A Beira (num relâmpago) e Duplo Passeio**. Lisboa, Assírio & Alvim, 1994
- _____. **Arte de ser português**. Lisboa, Assírio & Alvim, 1998
- _____. **Livro de Memórias**. Lisboa, Assírio & Alvim, 2001
- _____. **Senhora da Noite e Verbo Escuro**. Lisboa, Assírio & Alvim, 1999
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira. **O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses**. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1995
- PEREIRA, José Carlos Seabra. “Uma amizade, cartas de Pascoaes a Anrique Paço D’Arcos”, **Colóquio/Letras**, n.147/148, jan. 1998, pp. 353-356
- PEREIRA, Paula Cristina Moreira da Silva, **Do Sentir e do Pensar. Para uma Antropologia Experiencial de Matriz Poética da Contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Filosofia do Conhecimento), Porto, Universidade do Porto, 2004
- ROSA, Armando Nascimento. “Teixeira de Pascoaes – S. Jerônimo e a Trovoada”, **Colóquio/Letras**, n.132/133, jan. 1994, pp. 252-253
- SAMUEL, Paulo. **Teixeira de Pascoaes na Revista A Águia**. Edições Caixotim, Porto, 2004
- SILVA, Isabel Maria Moura da, **Memória e Desejo: uma Meditação com Teixeira de Pascoaes**. Dissertação (Mestrado em Filosofia do Conhecimento), Porto, Universidade do Porto, 1990
- SOUSA, Maria José Alves Pereira de, **O Nacionalismo em Teixeira de Pascoaes**. Dissertação (Mestrado em Filosofia do Conhecimento), Porto, Universidade do Porto, 1998
- TRIGO, Salvato. “Pessoa e Pascoaes: o hífen do Norte”, **Amarante Municipal**, Amarante, n.7, out. 2003, pp. 08-15
- Viajar com... Teixeira de Pascoaes**. Porto, Edições Caixotim, s/d

Recebido para publicação em 12-11-09; aceito em 20-11-09